

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

terra líquida as paisagens de marina rheingantz

Rodrigo Moura

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

“Eu estava rígido e frio, era uma ponte, estendido sobre um abismo. As pontas dos pés cravadas deste lado, do outro as mãos, eu me prendia firme com os dentes na argila quebradiça. As abas do meu casaco flutuavam pelos meus lados. Na profundidade fazia ruído o gelado riacho de trutas. Nenhum turista se perdia naquela altura intransitável, a ponte ainda não estava assinalada nos mapas. Assim eu estava estendido e esperava; tinha de esperar. Uma vez erguida, nenhuma ponte pode deixar de ser ponte sem desabar.”

Franz Kafka "A ponte"¹

1.

Vamos arriscar e começar pelo fim. A pintura de Marina Rheingantz traz uma voz atual, própria e dissonante à rica tradição da pintura de paisagem feita no Brasil. Atual porque ela se situa numa perspectiva não apenas local, que insiste na pintura como veículo, refundando um pacto poético, histórico e pós-histórico, com este que é por excelência o mais carregado dos meios. Própria porque ela coloca essa perspectiva a partir de uma dicção pessoal, que aposta na insolubilidade do problema da pintura como resposta para este próprio problema, num jogo da artista consigo mesma em que os erros são os irmãos mais novos dos acertos, que aprendem com aqueles, mas que nunca se deixam esgotar numa fórmula de sucesso. E, por fim, dissonante, porque dificilmente se poderia esperar que essa entrada da artista no fértil debate da pintura de paisagem fosse seguido de uma busca por coerência ou por estilo definitivos ou acabados. Para uma artista que escolheu fazer uma arte como a dela, só vale começar de novo a cada dia. Talvez não do zero, mas levando adiante pouca coisa daquilo que a própria pintura anterior conseguiu alcançar.

O debate entre pintura e lugar na tradição paisagística brasileira pode oferecer um fio solto para se iniciar um diálogo com a obra de Marina Rheingantz. Tomemos a pintora por guia. Ela diz que na sua dieta regrada de pintores brasileiros entram, num primeiríssimo plano, as paisagens de Guignard. Ora, é no mestre fluminense, conhecido pelas paisagens que recriam a perspectiva

Título
Data
Publicação

Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz
2016
MOURA, Rodrigo. *Marina Rheingantz: terra líquida*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.

Autor
Artista

Rodrigo Moura
Marina Rheingantz

dos morros e cidadezinhas do interior de Minas Gerais, que encontramos não apenas um dos momentos mais altos da pintura brasileira de paisagem do século XX, mas também uma exemplar tensão entre representação e pura imaginação (ou entre aquilo que poderia se chamar, mais singelamente, de figuração e abstração). As chamadas *Paisagens imaginárias* são um exemplo disso, e elas se constroem mediante o emprego preciso de sobreposições de velaturas de tinta que criam, afinal, o sentido de espaço da paisagem, sua verticalidade, qualidade de ascensão e vaporosidade, atributos aos quais os elementos de desenho se fundem e nos quais parecem emergir ou derreter pequenas figuras, surgindo como vestígios tênues da presença humana que nos fazem perceber aquelas pinturas como paisagem.² Se é verdade, como disse Frederico Moraes, que cada geração de artistas brasileiros “redescobre em Guignard o seu referencial, um ponto de apoio, um estímulo”,³ o Guignard descoberto por Marina é aquele das paisagens aparentemente sem solução, de uma matéria liquefeita, de um espaço revoltado, de uma luminosidade difícil, da pintura como desafio em vão.⁴

Esse sentido de inacababilidade parece ser caro aos dois. Mais do que inacabadas, as pinturas de Marina parecem inacabáveis. A ambiguidade sintática entre estilemas da pintura (como se dissesse: isso não é uma montanha, é uma pincelada) e a construção de um espaço representado (como se dissesse: isso não é um escorrido, é uma montanha pintada) é a chave aqui para entender essa inconclusão. A exposição deste embate confere um sentido próprio, estranho e até mesmo incômodo a suas paisagens.

Na sua experiência como leitora e criadora de paisagens, Marina cita a região rural de Araraquara, no interior do estado de São Paulo, onde sua família era proprietária de terras que ela cresceu frequentando, como uma espécie de paisagem inicial. Ali, ela me conta, houve seu contato original com a roça – as estruturas, geometrias, hierarquias e cronologias que definem o uso que damos à terra em nível geológico, econômico, simbólico e afetivo, sendo esses elementos representados e articulados em diferentes estratos de sua pintura.

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

canavial junto com laranja, tratores e vacas.”⁵ No interior brasileiro, a terra e seus usos se submetem à dinâmica financeira da cotação das commodities agrícolas internacionais. A fazenda que inspira muito do entendimento de paisagem de Marina foi expoente do ciclo do café, para depois se dedicar à cultura da laranja, dizimada pela praga, e hoje ser dominada pelo cultivo de cana-de-açúcar. Sucessivos usos sobrepõem diferentes feições à terra. A essa paisagem em contínua transformação, não tanto pelo tempo da natureza quanto pela marcha do capital, se agarra uma infraestrutura que informa *a priori* a experiência da artista. São as estradas de tráfego pesado do interior paulista, os trevos, entroncamentos e acostamentos planejados para escoar o tráfego de carga e de passageiros (comida para fazer gente; gente para fazer comida), as construções transitórias que pontuam esses espaços, a convivência precária entre a vegetação e as construções, as intempéries que não cessam de ser natureza a despeito de toda a manipulação da paisagem. O interior nada tem de idílico, pitoresco ou nostálgico nas imagens de Marina. Espécie de indústria ao ar livre, o campo não obedece ao que a natureza manda, mas tampouco é a manifestação do ideal de racionalidade que a fábrica encena. Nessa paisagem, há grade e entropia.

Tomemos uma pintura como *Araraquara* (2014), em suas grandes dimensões. Há uma bem dosada quantidade de desenho (no sentido que Greenberg chamou de desenho “antidesenho” em relação ao Monet tardio⁶) e uma admirável movimentação de tinta sobre a superfície. Um grande motivo geométrico, semelhante a um cruzamento de estradas, articula o plano, criando a ilusão de profundidade numa extensão do primeiro plano para “dentro” da tela. Elementos circulares pipocam na porção superior como estrelas ou luas, gotas de chuva no para-brisa do carro refletindo a iluminação rodoviária, pirilampos. A cor é uma cor de noite, não de qualquer noite, mas de uma noite na estrada. O acorde cromático harmoniza o bege sujo que ancora o primeiro plano e reincide sobre os outros pontos luminosos do quadro, um brilho amarelado que parece irradiar do farol do carro, com um azul-esverdeado denso, numa escuridão quase genérica que ocupa o restante da pintura em diferentes matizes. Há ainda um plano

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

intermediário no qual não estamos bem certos do que acontece. Ali as massas de tinta estão mais desordenadas, em desencontro com o restante da pintura, criando uma tensão que embaralha a distinção entre céu e terra e colocando em xeque a própria coesão da composição. Naquela lama verde, azul e amarela, pequenas estruturas lutam para não serem soterradas e existem apenas incertamente. É onde poderia estar a cidade de Araraquara. Onde a representação falha, a pintura encontra sua maior força. Por essas características, o crítico Tiago Mesquita disse, com propriedade e graça, que as pinturas de Marina estão prestes a desmanchar. Essa liquefação, como não é de estranhar, fascina os leitores de suas imagens. “São pesadas, fissuradas, incompletas”, continua Mesquita. “Tudo pode se desfazer.” Há uma imagem que o crítico não formulou, mas que aqui usamos como pedra de toque da pintura de Marina e para dar título a este ensaio: “Terra líquida.” A terra líquida de Marina não é apenas uma referência ao uso abundante de tinta em suas telas (toda tinta é, real ou simbolicamente, uma terra líquida, pigmento dissolvido) e à sua pincelada por vezes carregada de um gestual nervoso, embora não ignore esses aspectos, mas diz respeito à própria liquefação a que a terra parece estar sujeita. É o desenho que se torna cor, o céu que se torna terra, a estrada que se torna breu, o café que se torna cana, a terra que se torna água. É a lama, é a lama.

2.

Desde o início de sua jovem carreira como artista, as pinturas de Marina Rheingantz trazem elementos paisagísticos, porém no início eles se manifestam de maneira tímida.⁸ O tratamento cromático é tonal e rebaixado, os fundos são chapados, com discretas pinceladas que movimentam massas delgadas de tinta, criando texturas na superfície quase monocromática e apenas sugerindo acontecimentos sobre ela. Os elementos mais pronunciados são objetos arquitetônicos representados de maneira austera e em cores contrastantes, destacando-se na composição. Esses elementos são construções rurais isoladas, casinhas, galpões e armazéns (*Pic Nic*, 2007; *Galpãozinho e Silos*, 2008), ou ainda

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

imagens ligadas às rodovias e ferrovias de Araraquara (*Autobahn, Estação do Ouro* e *I Hear the Train to Come*, 2008) e à cultura agrária da região (*Canavial*, 2007, e *Apiário*, 2009). O exame hoje dessas primeiras pinturas aponta para uma certa maneira de lidar com a paisagem, bem como para a criação de um imaginário. Por um lado, a representação geometrizada dos planos das construções contrastando com os fundos e as massas de cor em contato umas com as outras dão conta de uma pintura figurativa que nunca abandona inteiramente o espaço da abstração, um espaço refratário ao ilusionismo, e uma forma de representação alheia ao desenho escultural que simula a tridimensionalidade. Por outro, a própria existência desses elementos construídos no espaço falam de um interesse pela vida ao ar livre e sugere possíveis pontos de vista para a apreensão das paisagens. Algumas delas representam trailers (*5:30 [Cinco e meia]*, 2010), acampamentos (*Camping*, 2010) e outras formas de ocupação transitória do espaço.

Ao longo dos anos, as construções persistem e vão surgindo como elementos fugidios que ajudam a demarcar o espaço paisagístico representado. Não são mais edificações destacadas, mas rastros de edifícios, cercas, traves, restos de construção, elementos de demarcação da agricultura, curvas de nível. A aplicação de tinta na tela deixa de ser tão estrita como era no início para dar lugar a sobreposições e misturas de cores. Na composição, que antes respeitava os limites do quadro como o limite da cena, surgem cortes que se interpõem a um dos lados da tela de fora a fora e escorridos que se transformam em convincentes elementos paisagísticos no primeiro plano (*Marinheiro russo*, 2010). A separação rígida entre figura e fundo, de início tão importante, dá lugar ao desejo de ocupar mais espaço.

Em um quadro de transição como *Tormenta* (2010), a vocação paisagística está totalmente presente. A proporção quase quadrada da tela serve para uma cena marinha, de estrutura convencional, com a linha do horizonte bem demarcada servindo de separação das duas partes da composição e promovendo um encontro entre terra, mar e ar. No centro da praia, quatro cadeiras

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

estão viradas para o mar, como que contemplando a paisagem desde um humilde ponto de vista. As nuvens se espelham na água e toda a imagem está subordinada a um sentido soturno de luz. Uma faixa ao longo da base da pintura guarda as marcas de sua feitura, menos como reminiscência metalinguística do que como um elemento que destaca e dá profundidade à cena. Essa obra dialoga com outras paisagens do mesmo ano, em que a artista testa seu senso de composição de forma muito pessoal. Duas delas são especialmente reveladoras disso: *Malha viária com piscina* (2010) e *Malha viária com água* (2010). Essas pinturas significam uma afirmativa tomada do espaço para Marina. Contrariando sua descrição da paisagem de Araraquara, elas são muito mais terra do que céu. A estrutura geométrica criada pelas linhas de estradas que organizam o espaço, embora muito presente, está encharcada de uma ambivalência líquida no tratamento da tinta que a torna instável. Os objetos tridimensionais representados que povoam essas cenas o fazem de maneira insólita. Não parece haver razão aparente na presença da piscina de forma orgânica, e o veículo que percorre a estrada transita de maneira fantasmagórica. Em quadros seguintes, como *Pântano* (2011) e *Pelada caipira* (2011), há a entrada de elementos florísticos. Eles dão mais densidade às pinturas e ajudam a criar mais variação no uso da cor, gerando relações mais dinâmicas entre os planos. Na segunda, um campinho de futebol é representado e dois gols não chegam a delimitar uma geometria bem marcada. Ele está envolvido por árvores e morrotes. Os vermelhos da rede e os verdes do mato vibram de maneira um tanto estridente. Uma mancha orgânica em tom frio, em torno do qual os elementos se articulam, parece prestes a tragar o desejo de ordem e de construção de volta ao caos da terra. Dali pra frente há o ingresso de outros recursos: um ponto de vista elevado, à maneira de tomadas aéreas, e o emprego mais livre de recursos pictóricos como transparências, escorridos e respingos. *N'A do coqueiro* (2012), os pingos de tinta parecem ter caído das árvores fletidas pelo vento. Há um sentido ambiental – cromatismos dominantes e gestos estruturais que regem cada vez mais suas pinturas, revelando um desejo crescente de unidade.

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

ENTREATO

Numa visita a seu ateliê, numa fria noite junina de 2016, Marina me ofereceu um tour completo por suas duas salas de trabalho, uma que é sua oficina de pintura, com pé-direito alto, luz natural e água corrente, e outra que se assemelha mais a um espaço doméstico, com uma sala de estar e uma cozinha, uma pequena escrivaninha e uma pequena biblioteca. Em ambos os espaços, há uma quantidade enorme de pinturas distribuídas, como se estivessem conversando entre si. Enquanto andávamos de um espaço ao outro, comentei com ela que era incomum na minha experiência em visitas a ateliês de pintores encontrar tantas pinturas convivendo no mesmo espaço. Quando já estávamos sentados à mesa, diante de uma sopa imaginária, Marina me respondeu que escolher fazer pintura equivale, para ela, “a uma roubada”, a estar “numa fria”, numa situação difícil e com poucas saídas. Ela diz que muitas vezes começa uma tela sem saber no que vai dar, produzindo manchas, sobrepondo camadas de matéria-cor, apondo pequenos signos gráficos que a ajudam a manter o ritmo na composição, muitas vezes pintando para apagar aquilo que pintou antes, até chegar a um resultado satisfatório. Eu disse entender aquele comentário hipersincero à luz da minha própria dificuldade com a escrita. Eu disse que, escrevendo, muitas vezes, eu me sentia naquela mesma “roubada” em que Marina disse sentir-se ao pintar. Marina concordou e acrescentou: “Pintar é como escrever um romance.”

3.

Em seus romances que se assemelham a ensaios, com longas divagações entre os acontecimentos, o alemão W.G. Sebald rememora fatos históricos que associa as paisagens percorridas durante suas viagens a pé. Andando pela costa leste da Inglaterra ou vagando pela Córsega, em livros como *Os anéis de Saturno* (1995) e *Campo santo* (2003),⁹ Sebald deixa que sua atenção seja atraída por cidades, monumentos, acidentes naturais e edifícios, fazendo conexões por vezes inesperadas, que vão do plano geral da história cultural a planos-detelhe do

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

entorno que o envolve em suas deambulações. Escritores e artistas, de alguma maneira associados numa trama particular, são convocados a dialogar com e a partir da paisagem. Cada detalhe das histórias e de seus personagens ganha filigranas à medida que ele oscila do plano geral ao particular.

Um exercício crítico-cartográfico permitiria que o método Sebald fosse aplicado livremente a este texto. Impossibilitado de fazer o périplo proposto pessoalmente, por motivos de força maior, o autor preferiu se orientar pelo Google Maps, criando um percurso que cruza o interior paulista de leste a oeste buscando uma genealogia da pintura caipira. Se partisse de Araraquara, por exemplo, talvez preferindo uma van para a empreitada, esse personagem imaginário poderia percorrer caminhos que entretêm uma conversa sobre a pintura de Marina Rheingantz. Dirigindo para o oeste, chegaria a Assis, onde viveu Sebastião Theodoro Paulino da Silva. E, se ali perambulasse ao longo das estradas vicinais, talvez encontrasse um dos ranchos que lhe serviram de residência e lhe renderam este que é um dos apelidos mais adoráveis já atribuídos a alguém em língua portuguesa: Ranchinho. Essa figura ainda pouco conhecida na história da arte brasileira pintava, e sua pintura já foi descrita por um crítico entusiasmado como “impressionismo expressionista”.¹⁰ A extravagante definição, no entanto, não lhe cai mal. Portador de deficiência mental, o artista Ranchinho deixou centenas de pequenos quadros, a maior parte guaches sobre cartão descrevendo seu cotidiano rural. Com um domínio intuitivo, porém absolutamente brilhante de composição (até sua assinatura entra nas pinturas de forma inquestionável), Ranchinho é uma espécie de elo perdido da pintura brasileira de matriz expressionista. Seus quadros traduzem um sentido de urgência nas pinceladas abreviadas e no uso livre das cores, com proporções desequilibradas entre as figuras. Caminhar pelas estradas de sua pintura, que ligam fazendolas, encontrando plantações e açudes, cercas e porteiras, camionetes, carroças e charretes, casais sentados no alpendre, gatos na janela e galinhas ciscando ao léu, é percorrer um imaginário que parece parado no tempo. No entanto, se suas pinturas são singelas, nada têm de bucólicas.

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

As coisas ali estão em desarranjo, desconjuntadas. Em quadros como *Chuva no campo* (1980), *Aguaceiro* (1998), *Chuvarada* (1985) e *Mudança num dia de chuva* (1982), as paisagens de Ranchinho parecem derreter sob uma chuva inclemente.¹¹ A terra se liquefaz debaixo dos respingos.

Ranchinho é um dos heróis de Marina, e muitas vezes nossa conversa sobre seu trabalho no ateliê acabou recaindo sobre as pinturas deste artista, em quem encontramos paisagens que têm a mesma qualidade encharcada e dividem, com as de Marina, um sentido de tensa convivência entre as coisas que as habitam. De volta à metrópole, Ranchinho foi tema de uma exposição de Rodrigo Andrade, em que as pinturas do primeiro eram reproduzidas em novas versões pelo segundo, e exibidas lado a lado propondo um jogo de sete erros.¹² Por sua vez, Andrade, um dos grandes representantes da pintura contemporânea paulistana, oriundo da geração 80 e membro do grupo Casa 7, é frequentemente citado por Marina como uma de suas principais referências no campo artístico atual e como alguém que acolheu a ela e a seus pares geracionais ainda bem no início de suas ainda jovens trajetórias.

De volta a Araraquara, se nosso andarilho virtual resolvesse ir para leste, chegaria a Sales de Oliveira, onde nasceu, em 1909, José Antônio da Silva. Ele costumava dizer que os críticos o chamavam de ingênuo um tanto ingenuamente, pois ele era nada menos que um gênio. Assim como Ranchinho, teve pouca instrução, mas ao contrário daquele, gostava de se comunicar e escreveu livros. Sua pintura de paisagem, com uma sensibilidade violenta e um desenho exuberante, logo impressionou a intelectualidade brasileira. Rubem Braga escreveu que “pela primeira vez no Brasil um trabalhador rural conta sua história em um livro e em pintura. Aí começa o grande valor desse caipira paulista muito branco, de cabelos e olhos castanhos, quieto e desconfiadíssimo”.¹³ A maneira como Silva faz a terra aparecer em suas imagens é frequentemente conflitiva, pelo viés do trabalho, uma paisagem com vastos campos de algodão e café pintados com *aplomb*, trabalhadores concentrados em suas atividades, matas destruídas e boiadas em movimento.

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

Em quadros como *Colheita do algodão* (1948), *Algodão* (1950), *O cafezal* (1954), *Reforma agrária* (1964) e *Queimada* (1970),¹⁴ Silva faz uma pintura a um só tempo ecológica e humanista, em que a paisagem e o homem não encontram conciliação.

4.

O avião se aproxima lentamente de Ribeirão Preto, e eu vou à janela fazendo o escrutínio daquela paisagem que eu não conhecia pessoalmente, só esperava ver do carro e agora finalmente reconheço desde a altitude de muitos pés. Daqui, os vastos canaviais que eu achava que seriam maçantes não são tão vastos nem tão maçantes. São na verdade campos de cor bem delimitados, com alturas regulares e formas geométricas decididas. O encontro das manchas vai criando padronagens, atravessadas pela aragem da terra, como sulcos e desenhos, ou alternadas por círculos de tonalidades variadas de verde, resultantes do uso mecânico da irrigação. As diagonais e retas geradas pelo tratamento maquinico da plantação são interrompidas por pequenos chumaços de mata, que insistem em existir e que, do alto, parecem muito pequenos e muito frágeis, porém são incômodos o suficiente para não deixar que a rigidez do desenho seja insuportável. Aquilo de que eu falava por meio da leitura das imagens pintadas toma outra feição na minha construção mental: algo ao mesmo tempo mais difícil e mais elaborado. O céu cobre tudo, mas do meu belvedere em movimento ele é uma nesga no fim do enquadramento. À medida que me sinto mais familiarizado, o avião voando cada vez mais baixo, as imagens ganham outro sentido. A obra de arte feita de tinta sobre uma superfície recortada não se reduz à referência àquela paisagem, mas contém outras tantas camadas que a paisagem não dá conta de explicar.

As pinturas de Marina se nutrem de diferentes referências e vivências. As viagens, por exemplo, não são somente essas feitas pelo interior de São Paulo, mas aquelas em direção aos grandes museus de perto e de longe, aos parques urbanos com sua promessa de naturalização das cidades, ao estado do Piauí.¹⁵

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

Movendo-se sobre as ruínas da arte moderna, Marina tenta conciliar um sentido de autonomia das formas com a busca de uma arte feita rente à experiência vivida. Neste equilíbrio, onde poderia reinar apenas a vontade da artista, há outros riscos e outras ocupações.

A historicidade da pintura de paisagem filtrada pela tradição moderna parece até sutil diante de tantas transformações na paisagem recente da arte. Seguir uma tradição, que nos precede em 150 anos, tem o seu peso, mas pesa mais não repetir a pintura anterior ou ainda aquela da geração anterior. O impulso paródico da arte pós-moderna de uma certa pintura iniciada nos anos 1980, por exemplo, não é necessariamente uma contradição com o potencial crítico de outras posições da mesma geração. Muitas vezes um impasse nos é apresentado, como se fosse necessário fazer uma opção entre uma defesa da pintura como foco de resistência à mecanização dos meios e à simultaneidade das comunicações e o ataque a ela como puro anacronismo modernista-tardio. Esse dilema é falso e não há resposta ideologicamente honesta a ele. Para pintar, é inevitável assumir um desafio da ordem da invenção e da construção. A ideia de que a pintura é o objeto que, no sistema de objetos da arte, mais se assemelha com uma mercadoria reconhecível, é contrastada pela noção de que, fora desse sistema, ela é aquilo que menos se identifica com algo que podemos comprar pronto para consumir. Sua materialidade é a prova dos nove. É preciso o artista viver a fundo essas contradições, assim como para o crítico é necessário pisar essa terra líquida. É necessário reconhecer que um trabalho de arte complexo se apresenta como um labirinto borgiano de referências. Se para cada Guignard há um Ranchinho, num cânone sempre em reconstrução pelos artistas e pela própria arte, de volta à janela do avião, os desenhos da paisagem rural evocam geoglifos, que por sua vez ecoam um grupo de *earthworks* de Dennis Oppenheim de 1968 e 1969.¹⁶

Se começamos este texto pelo final, não temos como saber se resta um início para encontrar seu término. O pouso é necessário, o prazo se aproxima, as pinturas precisam ir para a exposição, o texto para a editora, o livro para

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

a gráfica. Enquanto isso, no ateliê da artista uma enorme paisagem vai sendo feita e desfeita. Ela descreve uma montanha fundamental para Marina, os penhascos de giz das Seven Sisters, no sul da Inglaterra, perto de onde ela viveu quando adolescente. Camadas de tinta se sobrepõem na tela, que se transforma radicalmente a cada visita, assim como as formações geológicas são constantemente erodidas pelo mar. Esses rochedos já foram protagonistas de tantas outras pinturas e representam uma obsessão pessoal da artista em sua alvura misteriosa. Em torno dessa peça de resistência outras paisagens vão surgindo. Uma delas chama especialmente a atenção, uma vista aérea de uma estrutura incompleta, um gabarito de construção abandonada que não nos permite saber se trata-se do início ou do final de algo. Essa forma rígida e geométrica é cercada por pinceladas insistentes e vigorosas, como se o mato cobrisse tudo com a força da natureza. A forma de representação dessas obras não conflita necessariamente com outras pinturas que se aproximam mais da abstração geométrica. Uma delas é plana, sem profundidade, apenas pequenas massas de cor pontuando um fundo chapado negro e uma linha horizontal contínua. Ela é fria e silenciosa, abraçando uma visualidade francamente artificial. A artista me explica que se trata de um fenômeno de luz capturado ao longo do acostamento da estrada. Outras obras me lembram a paisagem rural vista do avião, mas são de fato inspiradas em pesquisas de tapeçaria, versos de bordados, outras formas de habitar a malha ortogonal, algo que aparece no uso da terra, dos têxteis e da pintura. A presença de tantas pinturas no espaço permite que as ideias circulem entre elas.

A pressão por uma coerência de estilo parece ser um impasse semântico superado. Não há tensão entre um quadro isolado e a totalidade de uma obra. O mesmo senso de inacababilidade que encontramos numa única pintura serve de bússola na busca por uma linguagem inteira. Trata-se de incorporar novas formas e dicções a uma maneira de dizer a mesma coisa. No caso de Marina, acima de tudo, importa terminar uma paisagem apenas para começar a próxima.

Título	Terra líquida: as paisagens de Marina Rheingantz	Autor	Rodrigo Moura
Data	2016	Artista	Marina Rheingantz
Publicação	MOURA, Rodrigo. <i>Marina Rheingantz: terra líquida</i> . Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.		

1. Franz Kafka. "A ponte", em *Narrativas do espólio (1914 - 1924)*, tradução e posfácio de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. pp. 64-65.
2. Estamos pensando na *Paisagem imaginária* (1961), do acervo do Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, mas também nos fundos de alguns retratos dos anos 1960, como os de Lúcia Flecha de Lima (1960) e de Heloisa Lustosa (1962). Obras reproduzidas em Frederico Morais, *O humanismo lírico de Guignard*. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 2000.
3. Idem nota supra. A citação aparece no ensaio homônimo do crítico Frederico Morais na publicação. No mesmo catálogo, o crítico chega à seguinte formulação sobre a relação de Guignard com a paisagem de Minas Gerais: "Como se sua pintura e seu desenho fossem o próprio veículo de imaginação da paisagem, como se ele apenas concretizasse aquilo que, nela, é virtualidade, sonhamento." p. 266.
4. Sobre um sentido de apego à inconclusão na pintura moderna brasileira, ver "Eduardo Sued: cores contemporâneas" em Rodrigo Naves, *O vento e o moinho: Ensaaios sobre arte moderna e contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 123-125. Além de Guignard, Naves inscreve Anita Malfatti e Volpi nessa escola do malogro: "Tudo se passa como se a conclusão de uma tela fosse ao mesmo tempo a indicação de um fracasso."
5. Do depoimento da artista ao autor, em 8 de agosto de 2016. Outro trecho: "A paisagem de Araraquara já começa na estrada."
6. Clement Greenberg, "O último Monet", em *Arte e cultura – Ensaaios críticos*. São Paulo: Cosac Naify, 2013. pp. 66-67.
7. Tiago Mesquita. "Último suspiro". Revista *Bravo*, julho de 2013.
8. As pinturas *Campinho*, *Galpãozinho* e *Kurzzug*, todas de 2008, foram apresentadas na exposição De Perto e de Longe – Paralela 08, com curadoria minha. Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, 2008.
9. W.G. Sebald. *Os anéis de Saturno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. *Campo Santo*. Lisboa: Quetzal Editores, 2014.
10. Descrição encontrada no verbete dedicado a Ranchinho na *Enciclopédia Itaú Cultural*. Acesso em julho de 2016.
11. Obras reproduzidas em *A arte visionária de Ranchinho*. Galeria Brasileira: São Paulo, 2011.
12. *Jogo dos sete erros*, Galeria Estação, São Paulo, 2012.
13. Rubem Braga. *Três "primitivos"*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1953. Coleção Os Cadernos de Cultura.
14. Obras reproduzidas em Ladi Biezu (org.) *José Antônio da Silva*. Düsseldorf: Helmut Kruger Verlag, 1976.
15. Em 2015, Marina viajou com outros artistas ao estado do Piauí, o que rendeu uma série de pinturas que participaram da exposição Projeto Piauí, Pivô, São Paulo, 2016. Ver Isabel Diegues. *Diário de uma digressão: uma viagem ao sertão do Piauí da Serra das Confusões até o mar*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016.
16. Refiro-me a *Annual Rings* (1968), *Cancelled Crop* (1969) e *Directed Seeding* (1969), em que o artista interfere diretamente na terra.